

Construção do saber de jovens universitários de comunidade quilombola

Construction of knowledge of young university students of quilombola community

 Katia de Oliveira Rodrigues ¹

 Jaires Oliveira Santos Guterres ²

 Valdineia Barreto Ferreira ³

¹ Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia e Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia.

E-mail: katiarodrigues10@gmail.com

² Doutora e mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA). Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisadora e líder do grupo de pesquisa Nós - saberes e práticas entrelaçadas pela informação.

E-mail: jairesoliveira@gmail.com

³ Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/PPGCI). Mestra em Ciência da Informação (UFBA/ PPGCI). Especialista em Gestão Universitária e Qualidade em Serviços (UFBA/2001). Bacharela em Biblioteconomia e Documentação (UFBA).

E-mail: neiabf@ufba.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados:

Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 04 nov. 2023.

Aceito em: 05 set. 2026.

Publicado em: 22 set. 2026.

Como citar este artigo:

RODRIGUES, K. de O.; GUTERRES, J. O. S.; FERREIRA, V. B. Construção do saber de jovens universitários de comunidade quilombola. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 11, p. 1-15, 2026. DOI: <https://doi.org/10.36517/ip.v11i.92450>

RESUMO

As comunidades remanescentes de quilombos enfrentam, historicamente, problemas com a ausência do atendimento às necessidades essenciais, resultando nas desigualdades sociais. Dito isto, o presente artigo objetiva compreender a construção do saber dos jovens universitários quilombolas. A pesquisa classifica-se como descritiva, com abordagem qualitativa e foi realizada com três jovens universitários, graduandos da Universidade Federal da Bahia, que viviam/vivem em comunidades quilombolas (certificadas ou não certificadas), do estado da Bahia. Os resultados evidenciaram que nas comunidades remanescentes de quilombos nas quais residem os jovens universitários investigados, a ausência do Estado na subsistência e implementação de biblioteca é evidente, o que

fragiliza ou dificulta a construção do saber destes jovens. Na tentativa de suprir esta lacuna do Estado, a atuação da Associação de Moradores ou de algum membro da comunidade assume o papel de fomentar a construção do saber destes jovens universitários. Conclui-se que a construção de saberes de jovens quilombolas perpassa por uma educação informal, na qual os griôs assumem um papel de fundamental relevância, ademais, a vivência em comunidade contribui nesse processo. Por outro lado, a educação formal subsidiada pelo Estado se faz também necessária para a construção do saber dos jovens universitários investigados.

Palavras-chave: construção do saber; jovens universitários quilombolas; acesso à informação.

ABSTRACT

The remaining quilombo's communities have historically faced problems with the lack of fulfillment of essential needs, resulting in social inequalities. That said, this article aims to understand the construction of knowledge among young quilombola university students. The research is classified as descriptive, with a qualitative approach and was carried out with

three young university students, graduating from the Federal University of Bahia (UFBA), who lived/live in quilombola communities (certified or not certified), in the state of Bahia. The results showed that in the remaining Quilombo communities in which the young university students investigated reside, the absence of the State in the subsistence and implementation of libraries is evident, which weakens or makes it difficult the construction of knowledge of these young people. In an attempt to fill this gap in the State, the actions of the Residents' Association or a member of the community take on the role of fostering the construction of knowledge among these young university students. It is concluded that the construction of knowledge among young quilombolas goes through informal education, in which the Griôs assume a role of fundamental relevance, in addition, living in a community contributes to this process. On the other hand, formal education subsidized by the State is also necessary for the construction of knowledge of the young university students investigated.

Keywords: construction of knowledge; young quilombola university students; access to information.

1 INTRODUÇÃO

Existem evidências de comunidades remanescentes de quilombos desde o período que antecedeu a abolição do trabalho escravo, contudo, o reconhecimento oficial destas comunidades ocorreu apenas em 1988, com a promulgação da Constituição brasileira, resultado das pressões do Movimento Negro Unificado junto aos parlamentares brasileiros. Apesar do tempo de existência, é sabido que nestas comunidades a construção do saber das crianças e jovens ocorre com a forte presença da oralidade, através dos anciões (griôs).

A ideia de construção de saberes perpassa, evidentemente, pelo acesso e pela apropriação da informação em um determinado momento de maneira pessoal, contudo, compreende-se que não deve estar dissociada de um contexto no qual se estabelece vínculos comunitários e sociais. Dito isto, esta pesquisa teve como objetivo compreender a construção do saber dos jovens universitários quilombolas.

Para atender a essa pretensão, traçou-se o percurso metodológico, sendo este composto de uma pesquisa qualitativa, cujo nível é descritivo; ademais usou-se o questionário como técnica de pesquisa. Esta investigação faz parte de uma pesquisa mais

ampla que está inserida no BiblioQuilombola: programa permanente de extensão, que congrega projetos de pesquisa que retratam a Competência em Informação e as Práticas Leitoras em Comunidades Quilombolas. Nesta fase, optou-se por realizar a pesquisa com três jovens universitários, graduandos da Universidade Federal da Bahia, que viviam/vivem em comunidades quilombolas (certificadas ou não certificadas) do estado da Bahia.

Considera-se que essa investigação se mostra relevante na medida em que direciona o olhar para o caminho interdisciplinar da Ciência da Informação, evidenciando abordagens distintas dos fenômenos informacionais, qual seja, as pautas identitárias, realçando, sobretudo, a relevância de estudos com pessoas originárias de comunidades tradicionais.

2 SABER ANCESTRAL E CIENTÍFICO (FORMAL)

O Brasil, de acordo com a Fundação Cultural Palmares (2021), possui 2.817 comunidades certificadas como remanescentes de quilombos. Deste total, 672 (23,4%) comunidades estão localizadas no estado da Bahia, distribuídas em 26 territórios de identidade. Compreende-se que território “é [...] caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições”, ademais, a população é formada por “grupos sociais relativamente distintos [...], onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial.” (Bahia, 2017).

As comunidades remanescentes de Quilombos dos referidos territórios de identidade, com certificação, são: Irecê; Velho Chico; Chapada Diamantina; Sisal; Litoral Sul; Baixo Sul; Extremo Sul; Médio Sudoeste da Bahia; Vale do Jiquiriçá; Sertão do São Francisco; Bacia do Rio Grande; Bacia do Paramirim; Sertão Produtivo; Piemonte do Paraguaçu; Bacia do Jacuípe; Piemonte da Diamantina; Semiárido Nordeste II; Litoral Norte e Agreste Baiano; Portal do Sertão; Sudoeste Baiano; Recôncavo; Médio Rio de Contas; Bacia do Rio Corrente; Itaparica; Piemonte Norte do Itapicuru e Metropolitano de Salvador. O único território de identidade que não possui comunidades remanescentes de quilombos é a Costa do Descobrimento. As demais comunidades certificadas encontram-se em diferentes estados brasileiros. O número expressivo de comunidades certificadas no estado da Bahia pode ter relação com o fato de que

a Bahia foi uma das principais regiões escravistas do Atlântico, desde o final do século XVI até o final do XIX. Engenhos de açúcar e tráfico de escravos africanos se

combinaram para ali constituir a coluna vertebral da escravidão durante mais de trezentos anos. (Reis, 2019, p. 15).

Estas comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares deveriam ser amparadas efetivamente por políticas públicas. Contudo, a publicização destas políticas – a exemplo do Programa Aquilombola Brasil¹, que apresenta ações estruturadas em 4 (quatro) eixos: acesso à terra e ao território; infraestrutura e qualidade de vida; inclusão produtiva e desenvolvimento local e direitos e cidadania (Brasil, 2023) – não garante o cumprimento legal dos direitos destes povos que vivem nas comunidades certificadas como remanescentes de quilombo. Embora o eixo 2 – Infraestrutura e qualidade de vida – não faça, em sua ementa, referência a bibliotecas, compreendemos que ao recorrer ao termo “infraestrutura” o eixo refira-se à serviços públicos que são disponibilizados à sociedade, entre eles os espaços informacionais possibilitadores do acesso ao livro e a leitura, assim como diferentes práticas leitoras, que subsidiarão a construção do saber dos jovens. Assim posto, esclarece-se que a expressão infraestrutura informacional empregada neste artigo refere-se a equipamentos informacionais e culturais, a exemplo de bibliotecas públicas e/ou pontos de leituras disponibilizados para a população ter acesso ao livro e a leitura, os quais contribuirão para a construção do saber das crianças e jovens que vivem nas proximidades. No que se refere ao termo “construção de saber”, compreende-se com base no conceito proposto por Meyer, Mota e Corrêa (2011, p. 22) que a construção do saber consiste em

[...] um processo de aprendizagem decorrente da vontade, no qual figura a recontextualização para a apreensão de conteúdos. Isto porque pressupomos a socialização de conceitos técnicos provenientes da ciência hegemônica. Por outra, configuram-se como ideias, práticas, métodos ou conceitos traduzidos nas atividades de sujeitos e influenciados por seu imaginário, cultura e ideologias, produzindo um novo modo de fazer, ou outro ‘saber-fazer’. Este novo saber não tem como base apenas o conhecimento científico, tampouco atores distinguidos como ‘aquele que ensina’ ou ‘o sujeito que aprende’ [...].

Neste sentido, a construção de saber é um processo dialógico entre os saberes ancestrais e saberes científicos, resultante do que os autores denominam de “recontextualização”, momento em que o saber ancestral e científico (formal) convergem para consolidação de “um novo modo de fazer”.

¹ “O programa é uma ampliação do Brasil Quilombola (Decreto 6.261, 2007) [...]” (Brasil, 2023).

Destaca-se que a ausência do Estado na efetivação das políticas públicas impacta nos diferentes campos – social, econômico, da saúde, cultural, educacional, entre outros. No campo da cultura e da educação especificamente, a ausência no cumprimento das políticas públicas direcionadas a estes segmentos tende a reverberar na construção do saber de jovens universitários que vivem ou viveram nestas comunidades, apesar da forte tradição da transmissão oral dos saberes e dos fazeres pelos anciãos, também denominados griôs, da própria comunidade.

Santos e Costa (2020, p. 538, grifo do autor), ao discutir sobre as pedagogias escolares e griôs, esclarece que “[...] os anciãos carregam naturalmente o ofício de ser griôs.” Os autores complementam afirmando que “[...] os/as griôs narram suas histórias e fazem circular a memória que mantém vivos os povos tradicionais quilombolas, iniciam seus sucessores no dia-a-dia (sic) e a toda hora, pela arte da transmissão de conhecimentos.” Os griôs, além de preservar a memória coletiva, acabam suprimindo as necessidades informacionais das crianças e jovens cujas comunidades quilombolas não dispõem de espaço informacional, a exemplo de bibliotecas inseridas ou não no contexto escolar, que através de suas ações podem oportunizar a conscientização da luta pela garantia de direitos destes sujeitos e seu protagonismo social.

Entre as ações a serem realizadas neste espaço informacional estão as estratégias de empréstimo de recursos informacionais (livro, gibis, jornais, entre outros); contação de história; leitura compartilhada; teatro de fantoches, sarau poético; exposição de arte; oficinas e palestras; entre outras, estimulando a liberdade de escolha e a prática leitora. Sobre a “liberdade de escolha”, Góes (1991, p. 22) esclarece que esta “[...] influi muito no prazer pela leitura, o ideal da leitura é: educar, instruir e distrair sendo que o mais importante é o terceiro. O prazer deve envolver tudo o mais.” Isto porque, ao despertar o prazer pela leitura, este sujeito terá novos olhares sobre sua identidade e possibilidades de reescrita de sua história sem distanciar-se de sua ancestralidade.

Sobre o estímulo ao prazer pela leitura, Cavalcante (2018, p. 5) expõe que deve ocorrer em especial “[...] para os iniciantes dessa aventura, independentemente da faixa etária [...]”. O alerta da autora em acolher a todas as pessoas – crianças, jovens ou adultos – apresenta-se como prudente e necessário, em especial quando se discute a leitura em comunidades quilombolas, nas quais se observa a precariedade de espaços informacionais que estimulem o prazer pela leitura e contribuam para a construção do saber de jovens universitários.

A realidade das comunidades remanescentes de quilombos, no que se refere ao apoio do Estado, perpetuou-se até mesmo durante a pandemia da covid-19. Em artigo intitulado “Iniquidades sociais em tempos de pandemia de covid-19: uma reflexão”, Vieira, Monteiro e Silva (2021, p. 463, grifo nosso) discorrem sobre os fatos ocorridos durante a pandemia e citam também como exemplos de populações invisíveis ao Estado “[...] as comunidades tradicionais brasileiras – indígenas, quilombolas, ribeirinhos etc. [...]”. Neste artigo, os autores explicam que “a [Organização Mundial de Saúde] OMS, particularmente, mostrou que a falta de acesso aos meios de saúde é determinada pelo desrespeito a direitos econômicos, sociais, educacionais e culturais essenciais à dignidade da vida.” A constatação da OMS reforça o entendimento de que a sociedade é um sistema com elementos interdependentes. A ausência ou ineficiência do Estado em atendimento a um dos direitos interfere na qualidade de vida.

Dito isto, como pensar em construção do saber entre jovens universitários de comunidade quilombola sem atendimento aos direitos educacionais e culturais em especial quando ainda são crianças e jovens? Piotto e Aleixo (2013, p. 94, grifo nosso), ao pesquisar a relação com o saber de estudantes das camadas populares no ensino superior, revelam que os estudantes investigados, embora possuam trajetórias escolares bem peculiares, tiveram

[...] em algum momento antes de ingressar na universidade, **um contato mais pessoal, íntimo com o saber, durante ou depois de cursarem a educação básica, tendo construído uma relação especial com o saber.** Posteriormente, com o ingresso na universidade, esse relacionamento transforma-se, amplia-se, torna-se mais íntimo, **acentuando ainda mais esta relação especial com o saber, tendo ela sido capaz de transformar suas vidas.**

O resultado da pesquisa realizada pelas autoras deixa pistas de que a construção do saber de jovens universitários é iniciada ainda na educação básica e “[...] na universidade, esse relacionamento transforma-se, amplia-se [...]”. É preciso compreender a relação entre a construção do saber, a exemplo dos jovens quilombolas universitários, como um processo de construção contínua, que precisa ser iniciado desde a infância com o atendimento a direitos como educação, com recursos humanos e tecnológicos.

Isso dialoga com a perspectiva da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2009), que realça os desafios de uma aprendizagem ao longo da vida, considerando desejável que a alfabetização de jovens e adultos seja viabilizada de maneira ampla, de modo a reconhecer e validar os saberes das pessoas construídos em contextos familiares, comunitários, laborais, na participação social e no exercício da cidadania.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo da pesquisa, optou-se por recorrer à pesquisa qualitativa. Quanto ao método de análise dos dados, elegeu-se a análise de conteúdo. A presente pesquisa foi realizada com três jovens universitários oriundos de comunidades quilombolas (certificadas ou não certificadas) do estado da Bahia, que cursam a graduação na Universidade Federal da Bahia. Os investigados foram selecionados por conveniência, ou seja, os jovens universitários quilombolas que participaram da pesquisa foram os mais acessíveis para responder ao questionário durante a coleta dos dados. Sampiere, Collado e Lucio (2013) explicitam a característica das pesquisas qualitativas que buscam compreender a perspectiva dos participantes, sejam eles indivíduos ou pequenos grupos de pessoas que serão pesquisados, o que dialoga com essa investigação, cujas percepções apresentadas são de três estudantes quilombolas.

Para participar desta pesquisa era necessário que o jovem universitário atendesse aos critérios: a) jovem universitário cursando graduação na UFBA; b) autodeclarar-se quilombola; e c) estar cursando a graduação durante o período da pandemia da covid-19. Nesta pesquisa, adotou-se código alfanumérico, elaborado pelos autores, para identificar os jovens universitários, iniciando a codificação com o jovem universitário 001 (JU001) e finalizando com o jovem universitário 003 (JU003). Além deste cuidado com os investigados, elucida-se que os participantes da pesquisa documentaram o consentimento em participar da pesquisa, ao preencher o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, em atendimento à Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário com cinco questões disparadoras abertas com ênfase na construção do saber destes jovens universitários. A aplicação do questionário ocorreu por meio do WhatsApp e e-mail. Quanto à análise dos dados, elegeram-se quatro categorias (Quadro 1), com base na literatura e também na verificação das respostas emitidas pelos pesquisados. Estas categorias foram analisadas com base nas recomendações de Bardin (2010, p. 45), pois, segundo a autora, “[...] a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis.” No Quadro 1 apresentamos o modelo de análise dos dados.

Quadro 1 – Modelo de análise dos dados qualitativos

Categorias	Núcleo de sentidos	Questões
Autodefinição étnico-racial	Ferramenta de sobrevivência e vivência dignas.	Como você se autodefine do ponto de vista de seu pertencimento étnico-racial?
Saber ancestral	- Oralidade - Aprendendo de forma natural	Como você descreve a sua construção do saber antes de ingressar na universidade, na comunidade quilombola em que você vivia?
Saberes científicos (formal)	- Difícil - Amargores	Como você descreve a sua construção do saber na universidade antes da pandemia da covid-19? Como você descreve a sua construção do saber na universidade durante a pandemia da covid-19?
Acesso à informação registrada	- Biblioteca escolar - Associação de moradores - Iniciativa de um membro da comunidade	Como você descreve o acesso à informação registrada para auxiliar a construção do saber em sua comunidade? Existe biblioteca, sala de leitura ou outro espaço que disponibilize recursos informacionais como livro, revista, jornais, computador com acesso a internet, entre outros?

Fonte: elaborado pelas pessoas autoras.

A análise dos dados buscou compreender a construção do saber dos jovens universitários quilombolas. Salienta-se que a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), em função da covid-19, conforme decretou a Organização Mundial da Saúde (OMS), compreendeu o período de 30 de janeiro de 2020 a 05 de maio de 2023.

Nesta etapa da pesquisa, conforme orienta Bardin (2010), realizou-se a pré-análise, a partir da leitura flutuante das respostas dos jovens universitários oriundos de comunidades quilombolas. Com esta leitura foi possível se assenhorar do conteúdo das respostas. No que se refere à fase de escolha dos documentos, esta ocorreu a priori, tendo em vista que os participantes da pesquisa foram selecionados conforme preconizam Leles, Dal Moro e Dias (2018, p. 171) acerca da amostra por conveniência. De acordo com os autores, “[...] a

participação dos membros na amostra ocorre em virtude do acaso.” Quanto à compreensão das respostas dos pesquisados, considerou-se, como orienta Bardin (2010), a exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência destas em relação ao objetivo que se pretendia alcançar.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Os jovens universitários pesquisados ao descreverem acerca da construção do saber deixam ver que esta construção não está dissociada do contexto em que vivem/viveram, nem das lutas que são travadas pela resistência em suas comunidades.

4.1 Autodefinição étnico-racial

Os jovens universitários se autodefinem do ponto de vista de seu pertencimento étnico-racial como sendo quilombola, ao afirmarem que são “*negro e quilombola*” (JU003) ou “*negro remanescente de quilombo*” (JU001), reafirmando sua identidade pessoal e étnico-racial, assim como sua resistência à hegemonia. JU002, por sua vez, ao manifestar sua “*negritude*”, sintetiza a opinião da maioria dos negros remanescentes de quilombo. Pois o jovem universitário esclarece que,

[...] a forma [...] na qual a sociedade se manifesta e se estrutura, carrega segregação racial em suas raízes, onde o corpo negro é geralmente condicionado a uma posição subalterna, vulnerável e passível de menos prestígio. Assim me cabe, autoafirmação e manifestação da minha negritude, tendo isso como ferramenta de sobrevivência e vivência dignas. Constante, diária e permanente é a necessidade de fortalecer e reivindicar as características e cultura do grupo étnico que eu pertença.

Ao recorrer à ideia de “*sobrevivência e vivência dignas*” para referenciar sua autodefinição étnico-racial, o jovem universitário ressignifica sua luta e de seu povo para superar as desigualdades sociais. Autoras como Alves *et al.* (2017, p. 81) sinalizam que “essas desigualdades sociais, além de influenciarem negativamente as condições de saúde desse contingente populacional [...] também fazem com que a autoestima da população negra seja fragilizada, enfraquecendo a construção de sua identidade pessoal e étnica”, fato que impulsiona JU002 a uma militância ininterrupta para “*fortalecer e reivindicar as características e cultura do grupo étnico que eu pertença.*”

O desabafo de JU002 explica-se porque apesar dos avanços das comunidades remanescentes de quilombos, os sujeitos que vivem nestas comunidades enfrentam problemas de infraestrutura, que potencializam as desigualdades sociais e reverberam na trajetória de vida destes sujeitos.

4.2 Saber ancestral

Na África, os anciãos, também chamados de griôs, são “os contadores de histórias, que narram de forma falada ou cantada as tradições e os acontecimentos de um povo [...]”. (Santos; Costa, 2020, p. 537) Esta tradição também ocorre nas comunidades quilombolas brasileiras. Questionados como estes jovens universitários descreviam sua construção do saber antes de ingressar na universidade, na comunidade quilombola em que viviam, evidenciou-se a contribuição dos anciãos na construção do saber destes jovens universitários. JU001 afirma que a construção do saber “[...] *era um pouco limitado baseado no saber ancestral, mas eu já buscava outras possibilidades ainda que enfrentando muita dificuldade.*” Ao mesmo tempo em que o jovem universitário expõe a limitação no saber ancestral, JU001 reafirma sua resistência e luta pela superação, ao afirmar que “*buscava outras possibilidades*” de construção do saber.

A relevância da construção do saber através dos diálogos é evidenciada nas contribuições dos participantes descritas abaixo.

A construção do meu saber se baseava mais pela oralidade e comunicação, através de uma linguagem ativa, na escola ou vida. (JU002)

Tive toda minha vida escolar dentro da comunidade quilombola, mas não considero apenas como saber o conteúdo passado em sala de aula, estudei música [...], fotografias e fiz capoeira por 11 anos tudo isso realizado através de projetos sociais realizados por membros da própria comunidade além disso existe práticas comuns na comunidade que acabamos aprendendo de forma natural como pesca e a agricultura. (JU003)

Santos e Costa (2020), ao realizar uma pesquisa com estudantes da educação básica da Comunidade Remanescentes de Quilombos Dona Juscelina, localizada em Muricilândia, no Tocantins, constataram o que denominam de ecologia dos saberes – processo de ensino e aprendizagem que envolve saberes ancestrais e saberes científicos. As autoras explicam que “[...] a valorização de práticas de outros saberes que não são o dominante da ciência moderna, é necessária para que se consiga vencer as desigualdades sociais.” E

complementam, “[...] os jovens associam os aprendizados dos saberes ancestrais com os saberes científicos que aprendem no processo de escolarização.” (Santos; Costa, 2020, p. 537)

4.3 Saber científico (formal)

A construção do saber através da contribuição dos griôs é de relevância para as comunidades remanescentes de quilombo e “[...] compõem um processo de construção de conhecimentos informais [...]” (Santos; Costa, 2020, p. 545). O ingresso dos jovens quilombolas à universidade pode ser uma tentativa de ampliar ou consolidar a construção de seus saberes tradicionais. Acerca da construção do saber na universidade antes da pandemia da covid-19, os investigados JU002 e JU003 explicitaram os desafios enfrentados.

*Se tornou mais sistematizada, considerando a influência da maior institucionalização presente em uma Universidade. A troca de experiências e experimentações diversas, antes não acessíveis contribuíram para a expansão da construção do meu saber, **não somente de uma forma doce e ingênua, mas que carrega os amargores inerentes.*** (JU002)

*Eu entrei na Universidade em 2019, para mim **foi muito difícil no primeiro momento** porque não conseguia me adequar ao ritmo de estudo. Muitas atividades que pareciam ser simples para meus colegas, eram muito complicadas para mim. Ainda é bastante difícil, já me adaptei melhor e os novos desafios já não me assustam tanto como me assustou quando entrei.* (JU003)

Ao referir-se à construção do saber na universidade antes da pandemia da covid-19 como uma experiência “doce e ingênua”, mas com “amargores inerentes”, JU002 revela a dualidade que o jovem universitário quilombola enfrenta na construção do saber em uma universidade. É evidente o impacto da ausência de infraestrutura informacional vivenciada por estes jovens universitários quando ainda crianças, em suas comunidades, visto que, em geral estas comunidades não possuem bibliotecas públicas ou outros espaços para o acesso ao livro e a leitura além do ambiente escolar. Esta carência tende a potencializar as dificuldades no ambiente universitário, como afirma JU003 “*Muitas atividades que pareciam ser simples para meus colegas, eram muito complicadas para mim*”.

Ainda no contexto da construção do saber na universidade, solicitou-se que os jovens universitários descrevessem como ocorreu esta construção durante a pandemia da covid-19. Entre os anos de 2020 e 2021, o Brasil, assim como outros países, viveu uma crise

sanitária que exigiu o isolamento social e o fechamento de diferentes setores da sociedade. No campo da educação não foi diferente, as instituições brasileiras de ensino público e privado, da educação básica, técnica e universitária, com base nas Portarias nº 343/2020 e nº 345/2020, ambas do Ministério da Educação, reestruturaram o ensino presencial para o ensino remoto (Brasil, 2020a, 2020b). Também foi necessária, neste período, a interrupção dos atendimentos/aulas presenciais, nos laboratórios e bibliotecas das instituições de ensino, dificultando a construção do saber.

Na tentativa de minimizar os prejuízos entre os estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, a exemplo de jovens universitários quilombolas, a UFBA tornou público o Edital nº 09/2020, o qual orienta sobre “[...] as normas, rotinas e procedimentos necessários à realização do processo seletivo com objetivo de, excepcionalmente, conceder auxílio financeiro para subsidiar estratégias de acesso a equipamentos.” (Universidade Federal da Bahia, 2020). Este auxílio, além de possibilitar a participação às aulas remotas, viabilizaria também o acesso a recursos informacionais digitais. Sobre esse contexto, os jovens realçam:

*A pandemia foi fato horrível que aconteceu, mas em relação a minha vida na UFBA foi o momento em que **consegui me dedicar mais aos estudos e conseguir melhorar nas disciplinas**, apesar passar o tempo ansioso para a volta às aulas presenciais. (JU003)*

***Desafiador**, porém, muito proveitoso também, até pelo de poder adquirir novas experiências **com o uso das tecnologias para educação**. (JU001)*

Os relatos dos jovens universitários quilombolas sobre a construção do saber durante a pandemia revelaram aspectos que chamam a atenção com relação aos diferentes olhares sobre este momento complexo que a sociedade viveu. JU003, durante o período em que esteve no ensino remoto, aproveitou para organizar a construção do saber. Enquanto para JU001, embora desafiador, nesse momento “*pode adquirir novas experiências*”.

Salienta-se que progressivamente essas restrições foram sendo flexibilizadas: ensino híbrido e retorno integral ao ensino presencial, especialmente no último ano da emergência sanitária (maio/2022 – maio 2023), contudo, as dificuldades desses discentes permaneceram, em função dos impactos das limitações econômicas, educacionais, culturais e sociais decorrentes desse período, que atingiu de maneiras distintas as camadas sociais e, certamente, as menos favorecidas foram as mais afetadas.

4.4 Acesso à informação registrada

A construção do saber pode ocorrer através dos “saberes ancestrais”, transmitidos em geral oralmente pelos ancestrais (griôs) e “saberes formais”, disseminados através da informação registrada respectivamente. Em geral, os jovens universitários têm acesso a estas informações registradas nas bibliotecas de suas instituições, através dos serviços a partir do acervo impresso, digital, audiovisual, entre outros. Para compreender o acesso a recursos informacionais destes jovens universitários nas suas comunidades quilombolas e o impacto desse processo na sua construção de conhecimento, solicitou-se que descrevessem sobre o acesso à informação registrada para auxiliar a construção do saber na comunidade em que viviam, assim como, se na comunidade existe biblioteca, sala de leitura ou outro espaço que disponibilize recursos informacionais como livro, revista, jornais, computador com acesso à internet. Em geral, observa-se nas respostas dos investigados a ausência de infraestrutura informacional que atenda a toda a comunidade.

*O acesso à informação em minha comunidade é bem limitado, até existe um espaço para leitura e construção de saber construído pela própria comunidade, porém com pouco incentivo para o devido fim, por parte de qualquer autoridade governamental. Por outro lado, a **Associação dos Moradores tenta elaborar e incentivar com os poucos recursos que têm.*** (JU001)

*O acesso à informação é fortemente feito pelo celular e rede de internet, a oralidade e interação interpessoal persistem, principalmente pelas gerações que são mais distantes da digitalização. **Existe uma sala de leitura que pertence a escola do município,** que é mais exclusiva para o ensino regular das crianças matriculadas.* (JU002)

*O acesso à informação até poucos anos atrás era **restrito ao ambiente escolar e os conhecimentos populares** como as atividades de trabalho e atividades culturais, mas recentemente com a chegada da Internet na comunidade as pessoas passaram a ter maiores possibilidades de acesso à informação.*
*[...] **Muitos anos atrás tinha uma "biblioteca comunitária",** não me recordo desse fato, eu ainda era criança, mas tinha **uma professora na comunidade que tinha um acervo pessoal onde ela emprestava livros para seus alunos e outras pessoas da comunidade** que se interessava pela leitura.* (JU003)

A escassez de políticas públicas que possibilitem aos moradores de comunidades remanescentes de quilombo, em especial dos jovens universitários, o acesso a infraestrutura informacional além das bibliotecas escolares é evidente. Esta ausência do estado segundo os

jovens universitários investigados vem sendo suprida pela “Associação de Moradores” ou por algum membro da comunidade, a exemplo da “[...] *professora na comunidade* [de JU003,] *que tinha um acervo pessoal onde ela emprestava livros para seus alunos e outras pessoas da comunidade* [...]”. Assim, observa-se que nas comunidades quilombolas, os jovens universitários encontram dificuldade em acessar a informação registrada que potencialize a construção do saber científico (formal).

5 CONCLUSÃO

Com base nos resultados apresentados na pesquisa, evidencia-se que a construção do saber ancestral entre os jovens universitários remanescentes de quilombo investigados ocorre através da oralidade, pois acontece “de forma natural como pesca e a agricultura”, como afirma JU003. No que diz respeito à construção do saber científico (formal), este é um processo de “Amargores” e “Difícil”, como apontam JU002 e JU003, respectivamente. Esta dualidade de sentimento sobre a construção dos saberes entre estes jovens universitários pode ter relação com as dificuldades ou limitações vivenciadas por eles nas comunidades de origem.

Quanto ao acesso à informação registrada nas comunidades destes jovens universitários, constatou-se que embora eles apontem a existência de biblioteca escolar, ou espaço de leitura implementado por um morador, estes espaços informacionais podem ter corroborado na construção do saber dos jovens investigados quando estes cursavam a educação básica, mas no momento é insuficiente para atender suas necessidades informacionais no contexto universitário.

Com as constatações iniciais a partir da investigação realizada com estes três jovens universitários quilombola esclarece-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Contudo, pretende-se dar continuidade a pesquisa, ampliando o número de pessoas partícipes para a compreensão da construção do saber de jovens universitários quilombolas, quiçá, em contextos distintos.

Além disso, os resultados sugerem a urgência de estudos acerca de políticas públicas que assegurem a indissociabilidade dos saberes ancestral e científico na formação dos jovens universitários, possibilitando o fomento de novos saberes para que estes sujeitos compartilhem em seus territórios, como também a implementação de equipamentos informacionais e culturais nas comunidades quilombolas.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. de A. *et al.* Identidade étnica: percepção de adolescentes quilombolas. **Revista Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 19, n. 1, p. jan.-jun. 2017.

BAHIA. Governo do Estado. **Territórios de identidade**. Salvador, 28 set. 2017. Disponível em: <http://www.bahiater.sdr.ba.gov.br/servicos/territorios-de-identidade>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 6.261, de 20 de novembro de 2007**. Dispõe sobre a gestão integrada para o desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola, e dá outras providências. Brasília, DF, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6261.htm. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 11.447, de 21 de março de 2023**. Institui o Programa Aquilomba Brasil e o seu Comitê Gestor. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11447.htm. Acesso em: 25 ago. 2026.

BRASIL. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, ano 158, n. 53, p. 39, 18 mar. 2020a.

BRASIL. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, ano 158, n. 54d, p. 1, 19 mar. 2020b. Edição extra.

CAVALCANTE, L. E. **Mediação da leitura e formação do leitor**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação quilombola**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?page_id=3755. Acesso em: 15 set. 2021.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991. p. 22.

LELES, C. R.; DAL MORO, R. G.; DIAS, D. R. Princípios de bioestatística. In: ESTRELA, C. (org.). **Metodologia científica**: ciência, ensino, pesquisa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018. p. 159-196.

MEYER, G.; MOTA, D. M. da; CORRÊA, R. de O. Construção de saberes com agricultores familiares no Nordeste Paraense. **Interações**, Campo Grande, v. 12, n. 1, p. 19-29, jan./jun. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/inter/a/pwWdn83gF3N9MwR44gL97SS/?format=pdf&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 28 ago. 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Da alfabetização à aprendizagem ao longo da vida**: desafios do século XXI. 2009.

PIOTTO, D. C.; ALEIXO, L. C. Estudantes das camadas populares em uma universidade pública: contribuições da relação com o saber. In: SANTOS, G. G. dos; SAMPAIO, S. M. R. (org.). **Universidade, responsabilidade social e juventude**. Salvador: Edufba, 2013. p. 81-97. REIS, J. J. **Ganhadores**: a greve negra de 1857 na Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAMPIERE, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. Del P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 624p.

SANTOS, K. da S.; COSTA, K. G. Estudantes protagonistas: entre as pedagogias escolares e griôs. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 18, 2020.